

Andrello, Geraldo L. *A cidade do índio: transformações e cotidiano em Iauaretê*. São Paulo: Editora UNESP/ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2006, 447 p.

*Jean Ricardo Ramos Maia**

Fruto de uma tese de doutorado defendida em 2004 na Unicamp, o livro *A cidade do índio: transformações e cotidiano em Iauaretê* constituiu-se num exitoso esforço de conjugação de análise profunda dos processos de transformações pelos quais passam as sociedades indígenas na Amazônia com uma rica etnografia sobre aspectos “clássicos” da etnologia como a cosmologia, relações de parentesco e de organização social. Tendo como cenário o distrito de Iauaretê, localidade pertencente ao município de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, o autor explora o complexo universo de uma “cidade” multiétnica, que vivencia o peso das mudanças impostas pelo adensamento populacional conseqüente da concentração urbana e do impacto dessa situação nos sistemas de aliança, relações de reciprocidade e nas hierarquias culturalmente construídas.

O autor, que atua na região desde 1994, através do trabalho junto ao Instituto Socioambiental (ISA), organização não-governamental que mantém na área do alto rio Negro um amplo programa de ações intitulado *Rio Negro Socioambiental*, vale-se da posição de observador-participante privilegiado deste universo para analisar algumas das diversas facetas dos aspectos do contato dos povos desta área – especialmente os Tariano e os Tukano, etnias predominantes em Iauaretê – com as agências do “mundo dos brancos”, evitando o foco unilateral que privilegia ação das instituições formais do Estado e seu papel disruptivo, dando mais atenção à forma como os indígenas

* Mestrando do PPGAS/ Unicamp. Endereço eletrônico: jean.maia@gmail.com.

apropriam-se de tais processos e os ressignificam na intrincada rede de significados que compõe a existência social.

No primeiro capítulo Andrello fala da construção de seu objeto de pesquisa e de sua inserção em campo, no contexto de estruturação do programa do ISA, proporcionado pela articulação de organismos ambientalistas nacionais e internacionais no contexto pós-ECO-92. Um dos resultados da Conferência, sintetizado em seu documento final, a Agenda 21, foi a determinação de estimular a presença dos índios e outros povos ditos “tradicionais” como parceiros privilegiados em projetos de desenvolvimento sustentável. Desta forma, Andrello situa seus leitores através dos olhos de quem presenciou de perto os frenéticos processos de transformações sociais sofridos pela área do alto rio Negro nos últimos anos, como a demarcação das terras indígenas. É feita uma caracterização antropológica da organização social dos habitantes de Iauaretê e também uma revisão dos principais teóricos da área. Esse olhar que se apresenta como distinto daquele do antropólogo no sentido “clássico” do termo, já que o autor é membro de uma ONG e participante dos projetos que a instituição implementa, permite a nós, leitores, a oportunidade de conhecer mais a respeito das questões e problemas que se colocam a estas agências que atuam no espinhoso espaço da intervenção, dilemas bem explicitados na parte dedicada a discutir a questão do “desenvolvimento sustentável”.

No segundo capítulo, o objetivo é, através da extensa literatura de viagem sobre a área, examinar o papel das principais agências que atuaram no alto rio Negro do século XVIII ao início do século XX: o regime extrativista e as missões religiosas. Nesse contexto, Andrello identifica duas categorias classificatórias utilizadas de modo diametralmente oposto pelos agentes de contato e pelos próprios índios para distingui-los de acordo com sua relação com o mundo dos brancos: os *Uaupés*, cuja etimologia o autor esforça-se em localizar entre as línguas remanescentes da área, obtendo apenas seu conteúdo (“comedores de tapuru”), e os Baré que, apesar de um etnônimo, cujo processo de retomada recente da identidade étnica é comparável ao dos índios no Nordeste, funcionou como um marcador dos índios ditos “civilizados” pela proximidade maior dos Baré das agências de contato no período colonial. O autor ressalta como tais estratégias designativas mesclavam elementos da

própria economia política tribal com as elaboradas pelos brancos. No terceiro capítulo, Andrello se detém na história do distrito de Iauaretê, analisando o papel da Missão católica e do SPI, as transformações decorridas da presença mais ativa do Estado na década de 70 do século XX – com as ações do Programa de Integração Nacional (PIN) – a instalação de bases das Forças Armadas, as lutas pela demarcação de terras na década posterior e a constituição das associações indígenas.

Tendo conduzido o leitor na contextualização da realidade de Iauaretê nos capítulos anteriores, no quarto capítulo, que traz o título: “A vida nos bairros”, o autor mergulha no universo do cotidiano dos habitantes indígenas, relatando as tradições que persistem no solo urbano como os eventos chamados dabacuris, a conformação dos bairros, sua geografia, o significado do comércio realizado por indígenas e o status destes comerciantes dentro da comunidade, junto aos parentes. O levantamento urbano minucioso que enriquece o relato foi elaborado dentro das atividades do ISA de pesquisa sobre os núcleos urbanos do alto rio Negro e constitui-se num documento valioso sobre uma localidade indígena que se depara com os problemas e possibilidades da urbanização.

Nos dois últimos capítulos, “Gente de sangue do trovão” e “Gentes de transformação”, Andrello analisa e discute a cosmologia dos Tariano e dos Tukano e apresenta a versão dos índios do surgimento das principais etnias no rio Negro e de suas relações de hierarquia e socialidade, trabalho para o qual foi útil sua atuação como colaborador dos indígenas no projeto “Narradores indígenas do alto rio Negro” que editou vários livros com coletâneas em português de estórias e mitos indígenas coletados entre os conhecedores tradicionais. Tal atuação valeu a Andrello pelos índios o título de “Kumu Papera”: sendo “Kumu” um título relacionado à *expertise* dos assuntos da tradição – como os mitos, e “papera” o termo em língua geral para “papel”.

Uma das grandes contribuições do trabalho, além da abrangência de suas análises, é a tentativa de tratar teoricamente fenômenos como a urbanização entre povos indígenas, distanciando-se das abordagens que viam nesse processo a desestruturação completa de suas relações sociais e optando por adotar uma visão da cultura como dinâmica, com espaço para a transformação. Ao

revelar um projeto indígena de cidade, fruto das complexas interações desses povos com as agências do mundo dos brancos e com os desafios das mudanças conjunturais, Andreello revela no interior das comunidades urbanas a continuidade de processos sociais estruturados na sociocosmologia dos povos do alto rio Negro, reforçando a idéia de que é possível, frente aos desafios impostos a esses povos pelo individualismo da vida urbana, uma forma de ver e viver o mundo que conjugue os saberes e práticas culturalmente elaboradas com outros negociados com os projetos e agências.

Tais negociações, se não estão livres de desencontros e perdas, produzem por sua vez novos processos que são apropriados pelos indígenas e concretizados na vida cotidiana. Durante a elaboração desta resenha tomei conhecimento de alguns fatos relacionados a Iauaretê que reforçam em minha opinião as conclusões de Andreello: os esforços recentes de revalorização da identidade indígena em Iauaretê relatados por ele no final de seu trabalho repercutiram num inédito processo de tombamento da cachoeira de Iauaretê em 2007, através de solicitação ao Iphan, como patrimônio imaterial e a devolução, em abril de 2008, de vários ornamentos rituais que estavam em poder da missão salesiana em Manaus, mostrando que os habitantes de Iauaretê não são apenas “filhos do sangue do trovão” ou “gente de transformação”, como se denominam, mas também “gente em transformação”.

Por fim, um aspecto relevante que perpassa todas as questões abordadas no livro é o lugar do “branco”. O autor demonstra como o indígena atribui significados à presença deste Outro, desde aspectos cosmológicos nas narrativas até às amarrações sociais no cotidiano, projetando tais tensões e confluências em Iauaretê, que o autor termina por caracterizar como a “cidade do índio”.